

História Comparada: olhares plurais

NEYDE THEML*

REGINA MARIA DA CUNHA BUSTAMANTE**

Resumo: O artigo trata de algumas discussões historiográficas sobre o método comparativo em História, abarcando um arco de tempo que vai do início ao fim do século XX. Apresenta suas vantagens e seus riscos e enfatiza a proposta comparativa desenvolvida pela equipe do Centre de Recherches Comparées sur les Sociétés Anciennes.

Abstract: The article deals with some of the historiographic debates about the comparative method in History which occurred in a time frame that goes from the beginning to the end of the twentieth century. It shows the advantages and risks of such method and emphasizes the comparative proposal developed by the team from the Centre de Recherches Comparées sur les Sociétés Anciennes.

Palavras-chave: História Comparada. Historiografia. Metodologia.

Key words: Comparative History. Historiography. Methodology.

Introdução

Em 2001, um grupo de 20 professores,¹ em sua maioria vinculados ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), começou a gestar o Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC),² fundamentado na

* Professora Titular de História Antiga do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: neydehthml@webcorner.com.br

** Professora Adjunta de História Antiga do Departamento de História da UFRJ. Doutora em História pela UFF. E-mail: rbustamante@webcorner.com.br

¹ Em ordem alfabética, os professores doutores: Álvaro Hashizume Allegrette, Álvaro Alfredo Bragança Júnior, André Leonardo Chevitarrese, Andréia Cristina Lopes Fração da Silva, Anita Leocádia Prestes, Clara de Góes, Fábio de Souza Lessa, Flávio dos Santos Gomes, Francisco Carlos Teixeira da Silva, Gracilda Alves, João Vicente Ganzarolli, Leila Rodrigues da Silva, Maria Conceição Pinto de Góes, Maria Regina Candido, Marta Mega de Andrade, Neyde Theml (Coordenadora do PPGHC/UFRJ), Norma Musco Mendes, Regina Maria da Cunha Bustamante, Sidnei José Munhoz e Silvio de Almeida Carvalho Filho.

² PPGHC/IFCS/UFRJ - Largo de São Francisco de Paula, 1, sala 311 - Centro - 20051-070 Rio de Janeiro. Telefone: (21) 2252-8033/34/35 ou (21) 2221-0034/ramal

construção coletiva de problemas e na sua reflexão crítica. Partiu-se do pressuposto de que o conhecimento dos fenômenos sociais amplia-se com o diálogo e a comparação dos resultados das pesquisas, abrangendo objetos, teorias e métodos dos diferentes aportes das chamadas Ciências Humanas. Este artigo originou-se das discussões do grupo, enfocando as diferentes abordagens comparativas em História.

1 História Comparada em perspectiva

Nas primeiras décadas do século XX, Louis Davillé³ e Lucien Febvre,⁴ em artigos publicados na *Revue de Synthèse Historique*,⁵ apresentaram a possibilidade de aplicar o método comparativo aos estudos históricos, buscando superar uma concepção tradicional de História, que privilegiava a singularidade do factual de caráter político, e afastando-se, portanto, das práticas pouco científicas dos “historiadores historicizantes”, na expressão pejorativa de François Simiand.⁶ Assim, no V Congresso Internacional das Ciências Históricas, em 1923, Henri Pirenne⁷

301. Fax: (21) 2221-1470. E-mail: hcomparada@ifcs.ufrj.br –
Site: www.hcomparada.ifcs.ufrj.br

- ³ DAVILLÉ, Louis. La comparaison et la méthode comparative, en particulier dans les études historiques. *Revue de Synthèse Historique*, Paris, vol. XXVII, n. 79-80, 1913, p. 4-33; vol. XXVII, n. 81, 1913, p. 217-257; e vol. XXVIII, n. 83-84, 1914, p. 201-229.
- ⁴ FEBVRE, Lucien. Une esquisse d'histoire comparée. *Revue de Synthèse Historique*, Paris, vol. XXXVII, n. 128, 1924, p. 151-152.
- ⁵ Periódico fundado pelo filósofo Henri Berr em 1900, como reação contra a “escola metódica”, baseada no exercício da erudição. Émile Durkheim e os seus discípulos, P. Vidal de la Blache e os seus amigos geógrafos, F. Simiand e outros economistas, H. Wallon e outros psicólogos além de historiadores hostis ao positivismo, como Lucien Febvre e Marc Bloch, tiveram um espaço de divulgação de suas novas abordagens nesta publicação. (BOURDÉ, Guy, MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Mem Martin: Publ. Europa-América, 1990, p. 120. Col. Fórum da História).
- ⁶ François Simiand, no seu artigo “Méthode historique et science sociale”, originalmente de 1903, denomina desta forma historiadores que atribuíam frequentemente as causalidades “à impressão, ao faro pessoal e, digamos a palavra, a um pequeno acaso” (In: CEDRONI, Marina. *Méthode historique et Sciences Sociales*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 1987, p. 127). Este autor apresentou as bases do comparativismo como uma forma de aproximar historiadores dos cientistas, a História das Ciências Sociais. Vinte anos depois de Simiand, Henri Sée também defendeu esta proximidade (SÉE, Henri. Remarques sur l'application de la méthode comparative à l'histoire économique et sociale. *Revue de Synthèse Historique*, Paris, vol. XXXVI, n. 126, p. 37-46). Há de se ressaltar, entretanto, que esta proximidade não era unanimidade entre os historiadores da época (ver PIRENNE, Henri. De la méthode comparative en Histoire. In: MARES, G. des, GANSHOF, F.-L. (eds.). *Ve. Congrès International des Sciences Historiques*. Bruxelles: Weissenbruch, 1923, p. 23).
- ⁷ Pirenne, op. cit., p. 19-28.

defendia o uso do método comparativo pela História como meio para construir sínteses científicas, o que foi visto com ceticismo por Henri Berr.⁸ No período entre-guerras, o comparativismo também foi considerado como uma resposta contra os nacionalismos exacerbados, que surgiram no século XIX e eclodiram na Primeira Guerra Mundial.

Em 1928, Marc Bloch⁹ apresentou a sua concepção de comparativismo:

aplicar o método comparativo no quadro das Ciências Humanas consiste [...] em buscar, para explicá-las, as semelhanças e as diferenças que apresentam duas séries de natureza análoga, tomadas de meios sociais distintos.

Para Marc Bloch, a comparação tinha duas funções importantes: pesquisar e entender aspectos específicos e gerais de cada fenômeno e auxiliar a compreender as “causas” e “origens” dos fenômenos. Como objeto de aplicação do método comparativo, este historiador elegeu as sociedades européias medievais,¹⁰ que eram vizinhas e contemporâneas, sofriam “influência uma da outra”, estavam sujeitas à “ação das mesmas grandes causas”, em vista de sua proximidade e sincronização, e remontavam parcialmente a uma “origem comum”. Repousou a comparação sobre uma certa similitude de fatos observados em meios diferentes, recusando, entretanto, comparações excessivamente vastas, cujas falsas semelhanças podiam esconder diferenças importantes.

⁸ BERR, Henri. Le Ve. Congrès International des Sciences Historiques et la synthèse en Histoire. *Revue de Synthèse Historique*, Paris, vol. XXXV, n. 124, 1923, p. 5-14.

⁹ BLOCH, Marc. Comparaison. *Revue de Synthèse Historique*, Paris, vol. LXIX, boletim anexo, 1930, p. 31-39.

¹⁰ Especialista em História Medieval, Marc Bloch aplicou seu método comparativo a este período nas obras *Os reis taumaturgos* (original de 1924), em que analisou o caráter sobrenatural atribuído à potência real na França e na Inglaterra, e *A sociedade feudal* (original de 1939-1940), síntese dos conhecimentos do momento sobre a organização social na Idade Média, sendo que, no capítulo final (“O feudalismo como tipo social e a sua ação”), fez uma comparação entre Europa e Japão, que produzira espontaneamente um sistema similar ao feudalismo desenvolvido no Ocidente medieval europeu. Ver também o texto “Pour une histoire comparée des sociétés européennes” de autoria de Marc Bloch, publicado originalmente em 1928 na *Revue de Synthèse Historique* (nova edição: BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. In: *Melanges historiques*. Paris: EHESS, 1983, v. 1, p. 16-40). Edições em português das obras de Marc Bloch: BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1979 (Col. Lugar da História, 6); BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

A proposta do Bloch, próxima da ótica sociológica herdada de Durkheim,¹¹ trazia uma perspectiva histórica mais ampla, pois, ao abordar diferentes sociedades europeias, extrapolava os estudos locais e regionalistas que caracterizavam a tradição historiográfica francesa. O método comparativo tinha o mérito de possibilitar ao observador afastar-se de seu próprio ponto de observação e, ao ultrapassar o caráter individual e único de cada sociedade observada, permitir a passagem da descrição para a explicação de processos históricos,¹² sistematizando assim conhecimentos. Entretanto, a História Comparada, na perspectiva de Bloch, atinha-se a espacialidades próximas e a uma mesma temporalidade. A maioria das tentativas feitas no sentido da História Comparada se fundamentava em “comparar o comparável”, em que o conceito de comparação estava necessariamente atrelado a estas fronteiras e/ou a períodos tradicionais, confrontando-se preferencialmente sociedades vizinhas, de mesma natureza e coetâneas.

¹¹ Émile Durkheim considerava o método comparativo fundamental para a Sociologia; a “variação concomitante” constituía-se numa espécie de “experimento indireto”, que permitiria a análise dos fatores que levariam uma sociedade a adotar determinada forma. Apresentou dois tipos de comparação: comparação entre sociedades de mesma estrutura (“da mesma espécie”; aplicada por Marc Bloch à História) e comparações entre sociedades basicamente diferentes (DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Col. Tópicos [original de 1895]). O comparativismo de Durkheim marcou a lingüística e a literatura comparadas francesas e historiadores como Marc Bloch. Sobre este último aspecto, ver: SEWELL JR., William H. Marc Bloch and the logic of comparative History. *History and Theory*, Middletown, vol. VI, n. 2, 1967, p. 208-218; WALKER, Lawrence D. A note on historical linguistics and Marc Bloch’s comparative method. *History and Theory*, Middletown, vol. XIX, n. 2, 1980, p. 154-164; HILL, Alette Olin, HILL JR., Boyd H. AHR Forum, Marc Bloch and Comparative History. *American Historical Review*, Bloomington (IN), vol. LXXXV, n. 4, 1980, p. 828-857; BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. trad. N. Odalia. 4. reimp. São Paulo: Editora da UNESP, 1997, p. 34-37; BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. trad. K. B. Gerhardt e R. V. Majer. São Paulo: Editora da UNESP, 2002, p. 39-40. Outras referências de estudos analíticos sobre o método comparativo de Marc Bloch encontram-se em HAUPT, Heinz.-Gerhard. O lento surgimento de uma História Comparada. In: BOUTIER, Jean, JULIA, Dominique (orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998, p. 213.

¹² O método comparativo foi visto por Henri Sée como um instrumento capaz de transformar a História em ciência, pois era uma alternativa, no contexto da pesquisa, à impossibilidade de aplicar o método experimental. Assim, a História deixaria de ser descritiva e passaria a ser explicativa (SÉE, Henri. *Science et philosophie de l’histoire*. Paris: Alcan, 1933).

O comparativismo adotado por Marc Bloch se distinguia daquele proposto por Max Weber para as Ciências Sociais.¹³ Para este, através do cotejamento entre traços de um período e os encontrados em outros, procurava-se ver o que não estava lá, ou seja, entender a ausência específica. Weber analisa aspectos parciais e selecionados dos processos em confronto, mesmo que distantes temporalmente, a partir de “probabilidades típicas de acontecer” (e eventualmente da formulação de *tipos ideais*), abordando certos temas, tais como a “burocracia” (que poderia ser analisada tanto no Império Chinês ou no Império Romano quanto na Espanha de Filipe II, por exemplo).¹⁴ A abordagem weberiana envolveria, portanto, sociedades francamente heterogêneas e/ou muito afastadas temporalmente, procurando desvelar o que é “peculiar” a cada e não operando na busca do “comum” a várias ou a todas as configurações históricas.

Havia o receio de que a História Comparada pudesse resultar em uma abstração excessiva pautada em uma postura de que tudo era passível de comparação independentemente de tempo/espaço, negando justamente o que era caro aos historiadores: privilegiar a singularidade, localizando as especificidades e diferenças, e indagar acerca dos fatores/elementos que as determinaram, visando compreender a dinâmica, o comportamento, as imbricações entre os diferentes aspectos que moldam uma dada realidade sob observação. Em suma, preocupava-se com o compromisso em relação à temporalidade essencial dos fenômenos socioculturais, matéria-prima por excelência do ofício do histo-

¹³ Em 1904, Weber publicou, na revista *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, fundada por ele e Werner Sombart, em 1903, um artigo referente à teoria das Ciências Sociais, no qual propõe a aplicação do método comparativo. Ver: WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. trad. W. Dutra. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. Há vários estudos sobre o método comparativo de Weber, tanto nas introduções das diversas publicações da obra weberiana quanto em trabalhos específicos, dentre eles: ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. trad. S. Barth. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Ed. UnB, 1982, p. 461-540 (Col. Sociedade Moderna, 6); FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. trad. L. C. de Castro e Costa. Rio de Janeiro: Forense, 1970; COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: estudo sobre o pensamento de Max Weber e a sua compreensão*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979; JASPERS, Karl. *Método e visão de mundo em Max Weber*. In: COHN, Gabriel. (org.). *Sociologia: para ler os clássicos*. São Paulo: LTC, 1977, p. 121-135; FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: LTC, 1978; HIRST, Paul Q. *Evolução social e categorias sociológicas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

¹⁴ WEBER, Max. *Economía y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1969 [original de 1922, publicado por Marianne Weber]. Para uma análise específica sobre o conceito de “burocracia” em Weber, ver: TRAGTENBERG, Maurício. *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática, 1974 (Col. Ensaio, 9).

riador. O uso inadequado da comparação histórica poderia levar a anacronismos quando confundisse analogias superficiais com similitudes profundas e desconsiderasse as especificidades estrutural e histórica das sociedades incluídas na comparação, como foi criticado por Lucien Febvre¹⁵ nos estudos realizados por Oswald Spengler (*O declínio do Ocidente*, original de 1918-1922)¹⁶ e Arnold J. Toynbee (*Um estudo de História*, original de 1934-1961),¹⁷

¹⁵ O artigo "De Spengler à Toynbee: quelques philosophies opportunistes de l'histoire" foi publicado na *Revue Metaphysique et de Morale*, em 1936. Em 1953, foi inserido no livro *Combates pela história*. Ver: FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989 (Biblioteca de Textos Universitários, 75).

¹⁶ A "queda de Roma" forneceu ao filósofo alemão material de análise para refletir o seu próprio momento de crise, o período entre-guerras; para maiores detalhes, ver: CANFORA, Luciano. *Ideologie del classicismo*. Turin: Einaudi, 1980. Oswald Spengler abordou, a partir de raciocínio de inferência analógica, várias culturas (clássica, árabe, egípcia, babilônica, índica, chinesa, mexicana, inca, ocidental), vistas como entidades homogêneas, cíclicas (4 fases: mítica ou mística = primavera; filosófica e matemática = verão; racionalista = outono; civilizatória caracterizada pelo materialismo, cepticismo e pragmatismo = inverno), fechadas sobre si mesmas e independentes umas das outras, abrangendo um campo amplo de temas (povos, idiomas, épocas, batalhas, idéias, Estados, deuses, artes, obras, ciências, direitos, organizações econômicas, concepções de universo, grandes homens, notáveis acontecimentos...) (SPENGLER, Oswald. *Decadência do Ocidente*: esboço de uma morfologia da História Universal. trad. H. Werner e H. Caro. Rio de Janeiro: Zahar, 1964). Apesar de lhe criticar o excesso de ambição, Lucien Febvre lhe dava, ao menos, o mérito da síntese, o que contrastava com as minúcias estéreis de monografias demasiadamente especializadas, como eram apreciadas pelos universitários "positivistas" alemães e franceses do final do século XIX e início do XX. Em uma perspectiva mais filosófica, Filipe Rocha qualifica a obra de Oswald Spengler, juntamente com a de Arnold J. Toynbee, como pertencentes à corrente neopositivista, por se aterem aos dados historicamente comprováveis, visando detectar as leis da História, seguindo, portanto, as premissas do positivismo comtiano (ROCHA, Felipe. *Teorias sobre a História*. Braga: Publ. da Faculdade de Filosofia, 1982, p. 251-257). Para outros estudos sobre Spengler, ver: Bourdè e Martin, op. cit., p. 54-57, e GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. trad. V. Matos e Sá. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, p. 228-244.

¹⁷ A obra de Oswald Spengler levou Arnold J. Toynbee a reexaminar a questão sobre a civilização ocidental. Criticou a compartimentação das culturas feita por Spengler e seu fatalismo. Na concepção de Toynbee, as sociedades, que se desenvolvem, transformam-se em civilizações. Na contemporaneidade, existem 5 civilizações intermediárias: ocidental (filiada à greco-romana ou helênica), cristã-ortodoxa (rebento gêmeo da helênica), islâmica (originada da síriaca), hindu (adinda da pré-indiana) e extremo-oriental (surgida da pré-chinesa e nipônica-coreana). Atrás do grupo intermediário de civilizações, situam-se outras: as primitivas. Identificou 21 (às vezes, referiu-se a 23) civilizações inteiramente desenvolvidas, divisíveis em 3 gerações dentro de um período de 6.000 anos, aproximadamente. Além destas, descobriu civilizações abortadas (vikings, superados pelo desafio natural da Islândia e Groelândia; celtas cristãos da Europa Ocidental, superados pelo desafio humano da civilização greco-romana) e paralisadas (polinésios, nômades, esquimós, otomanos e espartanos). O móvel do desenvolvimento das sociedades é o "desafio-e-resposta" (TOYNBEE, Arnold J. *Um estudo da História*. 2. ed. trad. J. Caplan e I. S. Leal.

por exemplo. Havia ainda o risco “paradoxal” de etnocentrismo na História Comparada, pois, se esta se preocupava em abordar culturas não ocidentais, muitas vezes, considerava o Ocidente como norma da qual divergiriam as outras culturas que eram comparadas. Para Heinz-Gerhard Haupt,¹⁸ o lento surgimento da História Comparada na Europa, em especial na França,¹⁹ deveu-se ao privilégio concedido pelos historiadores: à individualidade histórica em detrimento de problemáticas mais gerais, pelo temor do uso dos modelos teóricos da Sociologia, que buscavam as causalidades e leis verificáveis²⁰ através da comparação de sociedades diferentes inseridas numa “evolução social”;²¹ à politização dos debates históricos direcionando os estudos para as posições de política interna; e à crença em um “caminho particular” que reforça nacionalismos ao situar as particularidades nacionais no centro da pesquisa histórica.²²

Brasília: Ed. UnB, 1987). William Dray sintetizou o pensamento de Toynbee: “As civilizações surgem como resposta a um desafio da adversidade; crescem por meio de uma série de respostas a desafios sucessivos, brotados da resposta ao desafio anterior; entram em decadência por falharem na resposta a um desafio repetido; e desintegram-se, dividindo-se numa minoria dominante e num proletariado externo e interno” (DRAY, William. *Filosofia da História*. 2. ed. trad. O. S. da Mota e L. Hegenber. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 130). A obra de Toynbee foi objeto de análise de muitos outros autores além de Lucien Febvre e William Dray, por exemplo: TOYNBEE, Arnold J. et al. The Contribution of Arnold Toynbee. *Diogenes*, Paris, vol. XIII, 1956 (número inteiro dedicado ao historiador com artigos dele, de Lewis Mumford, Kenneth W. Thompson, Louis Renou e Robert Heine-Geldern); Rocha, op. cit., p. 257-270; Bourdê e Martin, op. cit., p. 57-60; Gardiner, op. cit., p. 244-256; Burke, *História* ..., p. 46.

¹⁸ Haupt, op. cit., p. 205-216.

¹⁹ O autor ressalta que, mesmo nos *Annales ÉSC*, os estudos comparativos, apesar de estarem em seu projeto, eram raros, conforme denunciado no editorial “Histoire et Sciences Sociales. Un tournant critique?” *Annales ESC*, Paris, 1988, p. 292. Podemos citar um exemplo recente de exceção na aplicação do método comparativo que foi publicado neste periódico: GREEN, Nancy L. L’Histoire comparative et le champ des études migratoires. *Annales ESC*, Paris, 1990, p. 1335-1350.

²⁰ Nesta linha, pode-se inserir François Simiand que, no seu artigo “Méthode historique et science sociale”, datado de 1903, afirmou “que a comparação tornava a determinação e classificação inteligíveis através das regularidades verificáveis” (In: Cedroni, op. cit., p. 146).

²¹ A premissa de um processo evolutivo para as sociedades a partir da análise comparativa foi desenvolvido em Karl Marx, Auguste Comte, Herbert Spencer, James George Frazer, Émile Durkheim, dentre outros estudiosos do século XIX, que buscavam identificar o estágio alcançado por determinada sociedade na escala da evolução social.

²² Para aprofundar a questão sobre a relação entre História Nacional e História Comparada, ver: ELLIOT, J. H. *National and Comparative History*. An inaugural lecture delivered before the University of Oxford. Oxford: Clarendon Press, 1991.

Há, contudo, fatores favoráveis à História Comparada. Segundo Heinz-Gerhard Haupt, a internacionalização da pesquisa e da vida universitária fomentam este tipo de abordagem. Ciro Flamarion Cardoso e Héctor Pérez Brignoli²³ apontaram que o impulso deste tipo de estudo foi devido: ao contato da História com as Ciências Sociais, cuja generalização implicava em comparação (apesar de ser vista, como referido anteriormente, com extrema desconfiança por alguns); ao notável desenvolvimento, após a Segunda Guerra Mundial,²⁴ da história asiática, africana e latino-americana (a "internacionalização da pesquisa" mencionada por Haupt), que amplia, em âmbito mundial, a base de verificação de hipóteses explicativas aceitas; e ao sucesso alcançado por pesquisas que aplicaram o método comparativo, em especial envolvendo sociedades escravistas americanas,²⁵ que tiveram cuidado com as especificidades, ao apontar tanto as semelhanças quanto as diferenças entre os elementos comparados e fundamentaram-se em uma rigorosa definição de termos e conceitos e no conhecimento profundo do que se pretende comparar. Enumerando as vantagens do método comparativo para as pesquisas históricas, estes dois historiadores destacaram três aspectos positivos: 1) possibilitar um controle efetivo sobre as hipóteses e generalizações explicativas, eliminando as que não se comprovam, enriquecendo ou

²³ CARDOSO, Ciro Flamarion S., PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. O método comparativo na História. In: *Os métodos da História: uma introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social*. trad. João Maia. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 409-419 (Col. Biblioteca de História, 5 [1ª edição portuguesa é de 1979]).

²⁴ Neste mesmo contexto pós-Segunda Guerra Mundial, Peter Burke destaca o desenvolvimento dos estudos comparativos com o surgimento da economia, literatura e política comparativas nos EUA e com a fundação da revista inglesa *Comparative Studies in Society and History*, em 1958 (Burke, *História...*, p. 42). Podemos ainda incluir no esforço em prol do comparativismo a *American Historical Review* (nos números de outubro e dezembro de 1980 e fevereiro de 1982). Mais recentemente, o tema foi considerado como prioritário no congresso anual de historiadores americanos (American Historical Association), em 1990. Neste mesmo ano, surgiu um periódico, *Genèses*, de origem francesa, que colocou em seu programa a necessidade de estimular a cultura comparativista.

²⁵ Os autores citam FONER, Laura, GENOVESE, Eugene Dominick. (dir.). *Slavery in the New World: a reader in Comparative History*. New Jersey: Prentice-Hall, 1969. Peter Burke apresenta outros tipos de estudos comparativos que considera proveitosos: em História Econômica, aqueles relacionados aos processos de industrialização (exemplificado, dentre outros, com o de Rostow – criticado por Cardoso e Pérez Brignoli, op. cit., p. 411); em História Política, os que abordaram revoluções (exemplificado com o de Barrington Moore Jr, dentre outros); em História Social, os estudos sobre o feudalismo (exemplificado com o de Marc Bloch, dentre outros) (Burke, *História...*, p. 42-44).

matizando as generalizações²⁶ admitidas ou mesmo esboçando novas explicações e problemáticas dantes insuspeitadas, tal como fizeram Barrington Moore Jr.²⁷ e Eugene Dominick Genovese;²⁸ 2) romper com a herança da historiografia do século XIX, pautada em fronteiras políticas definidas como unidades “naturais” de análise, quando se constrói universos de análise a partir de critérios conceituais bem mais coerentes;²⁹ e 3) distinguir as singularidades irredutíveis de um determinado objeto, quando este é situado em uma “tipologia”, descartando traços comuns ou meramente incidentais entre os objetos comparados.

Assim, em meados do século XX, com a fragilidade europeia após a Segunda Guerra Mundial e a descolonização afro-asiática, quando se instala a fratura/fragmentação do mundo contemporâneo, evidencia-se um rompimento ou questionamento das fronteiras e referências tradicionais e uma desconfiança em relação a uma concepção evolucionista e progressista, originária do etnocentrismo da cultura ocidental. Nesse contexto, Geoffrey Barraclough³⁰ denunciava as lacunas existentes nos conhecimentos históricos. Fica bastante claro que era necessário mudar a percepção acerca do método comparativo em História. O olhar comparativo se construiu afastando-se de uma perspectiva eurocêntrica. O surgimento em primeiro plano de atores (URSS, EUA e Japão) que pertenciam somente marginalmente ao *oikoumêné* dos antigos (fundamentada na tradição clássica), levantou questões entre os historiadores sobre o objeto e os métodos de suas pesquisas;³¹ nasciam

²⁶ Para Sylvia Thrupp, a História Comparada ultrapassa a singularidade e procura um outro nível de generalização (THRUPP, Sylvia. “Editorial”. *Comparative Studies in Society and History*, London, vol. I, n. 1, oct. 1958, p. 1-4).

²⁷ Tradução portuguesa: MOORE JR., Barrington. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

²⁸ GENOVESE, Eugene Dominick. *The comparative focus in Latin American History*. In: *In red and black*. New York: Pantheon Books, 1971, p. 375-388.

²⁹ Para exemplificar este tipo de comparação fundamentada em conceitos, podemos citar os estudos efetuados por Moses I. Finley em que aborda, comparativamente, temas em diferentes temporalidades e espacialidades. São eles: FINLEY, Moses I. *Democracia antiga e moderna*. trad. W. Barcellos e S. Bedran. Rio de Janeiro: Graal, 1988 [original de 1973] e *Escravidão antiga e ideologia moderna*. trad. N. L. Guarinello. Rio de Janeiro: Graal, 1991 [original de 1980].

³⁰ BARRACLOUGH, Geoffrey. *History in a changing world*. Oxford: Basil Blackwell, 1955.

³¹ Ver ROCKKAN, Stein (ed.). *Comparative research across cultures and nations*. Paris: Mouton, 1968; VANN WOODWARD, C. (ed.). *The comparative approach to American History*. New York: Basic Books, 1968; PRZEWORSKI, Adam, TEUNE, Henry. *Logic of comparative social inquiry*. New York: John Willey and Sons, 1970; ETZIONI, A., DU BOW, Fredrick L. (eds.). *Comparative perspectives: theories and methods*. Boston:

quisadores.³⁸ Esta equipe tornou-se um grupo de pesquisa bastante ativo e de excelência, cujos estudos comparativos foram responsáveis por uma série de mudanças nas abordagens referentes ao conhecimento das sociedades. Reconhecendo o mérito de seu trabalho pioneiro para as pesquisas em Ciências Humanas, o CRCSA foi convidado a participar da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS).

Marcel Detienne, no livro *Comparer l'incomparable*,³⁹ apresentou os pressupostos comuns compartilhados pelos diferentes pesquisadores da equipe do CRCSA para desenvolver seus estudos comparativos. Partiu-se da concepção de que uma sociedade é formada por um conjunto complexo e infinito de elementos, pertencentes à dinâmica das relações e das práticas sociais pelas quais os homens se articulam uns aos outros, produzindo, num determinado tempo e espaço, variáveis também infinitas de combinações e ações sociais. Assim, a comparação poderá percorrer tanto as sociedades antigas quanto as atuais, as simples e as complexas, colocando em perspectiva as singularidades, as repetições, o tempo e o espaço.

É necessário afastar-se de todo o tipo de hierarquização de culturas e sociedades, de níveis de realidades estanques ou de supremacia de um domínio sobre o outro, pois existem diversas redes de imbricações, quando se trata de fenômenos sociais, que não são necessariamente lineares, causais e evolutivas. Essas redes têm mais condições de serem percebidas e elucidadas quando se tornam objeto de uma abordagem comparativa pela construção de um *conjunto de problemas*, que perpassam as pesquisas da equipe disposta a trabalhar comparativamente. Logo, não há preocupação com hierarquias, pois não se objetiva formular modelos abstratos, leis gerais, relações de causalidades, origem nem essência dos fenômenos, mas sim descobrir formas moventes e múltiplas com as quais as sociedades se depararam, as representaram e se transformaram.

³⁸ Para maiores detalhes sobre a história da formação do grupo, ver VERNANT, Jean-Pierre. *Entre mito e política*. trad. C. Murachco. São Paulo: EdUSP, 2001. Sobre as atividades do CRCSA, entrar em contato através do endereço 10, Rue Monsieur Le Prince, 75006, Paris, France; do tel. 00 xx 31 44 41 46 50 e do e-mail gernet@ehess.fr

³⁹ DETIENNE, Marcel. *Comparer l'incomparable*. Paris: Seuil, 2000. A inovação da proposta comparativa de Vernant e Detienne contradiz o dito popular "*on ne peut comparer que ce qui est comparable*" (p. 9), razão que motivou o título do livro, que, ao mesmo tempo em que sintetiza sua abordagem, sinaliza o desafio ao senso comum e ao estabelecido. Parte-se do princípio de que tudo está em comparação, implícita ou explicitamente. A História como conhecimento implica em comparação constante.

A comparação convida os pesquisadores a colocar em múltiplas perspectivas as sociedades, os contrastes, os excessos e o secreto, inicialmente, sem fronteiras de tempo ou de espaço. Isso porque, ao colocar em comparação várias experiências, produzem-se freqüentemente espaços de inteligibilidade e de reflexão nova. Essa forma de comparação autoriza a análise de componentes de configurações vizinhas e cada uma, com seus traços diferenciais, permite entrever a *clivagem* entre uma série de possibilidades.

A abordagem comparativa exige que se considerem as várias modalidades de observação e análise dos fenômenos sociais, incentivando que o problema selecionado seja operado em diversos ângulos pela equipe de pesquisadores, o que leva à rejeição de princípios de univocidade, como aqueles advindos de autoridade pessoal, modelos, enquadramentos e linearidade do objeto/sujeito de conhecimento. A prática da comparação demanda que se trabalhe em equipe, todos juntos, em igualdade de condições e que o trabalho de cada um consiga "interessar" os outros. Há necessidade de se criar um espaço de debates entre os membros da equipe para analisar o estado atual da pesquisa comparada considerando as questões que foram *a priori* destacadas.

A partir desses pressupostos comuns, a abordagem comparativa no *Modelo Vernant & Detienne* é operacionalizada em três etapas complementares:

1) Construção de objetos de pesquisa pelos projetos individuais de cada membro da equipe. Abre-se para interpretações de fenômenos sociais tanto plural quanto singular, tanto crítica quanto construtiva, tanto empírica quanto conceitual, posto que os objetos são elaborados a partir de distintos recortes e saberes dos pesquisadores da equipe.

2) Construção de conjuntos de problemas. Constituem-se em questões comuns que perpassam pelos projetos individuais de pesquisa da equipe disposta a trabalhar comparativamente e que direcionam o lugar pelo qual os pesquisadores passarão a observar e analisar seu objeto, centrados na construção de um horizonte fenomenológico e conceitual aberto ao desmanche diacrônico. Realiza-se uma escolha acertada e concertada pelos membros da equipe em torno de um feixe de problemáticas, capazes de circular entre todos, de serem inteligíveis a todos de uma forma inequívoca. É uma escolha da equipe, norteadada pelos projetos de pesquisa em andamento. Estes *conjuntos de problemas* organizam a equipe em sub-grupos, fundamentado no "interesse", entendido aqui como estar entre (*inter-esse*), compartilhar sem hierarquias, permi-

tindo que os pesquisadores trabalhem juntos; é o “interesse” que faz avançar o conhecimento. Frente à diversidade de sociedades, próximas ou longínquas, espacial e temporalmente, estabelece-se um *conjunto de problemas*, que interessam a toda a equipe e são posteriormente submetidos à análise de cada um dos pesquisadores. Cada equipe trata de questões que serão observadas individualmente em cada projeto e comparativamente com os professores que fazem parte da mesma. Compreende-se então porque a comparação, conforme proposta pelo *Modelo Vernant & Detienne*, é tanto singular quanto plural;

3) Criação de um campo de exercício de experimentação comparada. Este *campo* é fundamentado em torno do diálogo entre os membros da equipe. O *campo de exercício de experimentação comparada* é um conceito metodológico, fundamentado na “comparação construtiva”, pois se inicia com a construção de *conjuntos de problemas* em comum e se efetua no decorrer dos debates entre os pesquisadores. Expressa uma atividade acadêmica regular de debates entre os pesquisadores, na qual se apresentam os resultados das pesquisas individuais e verificam-se as diferenças sociais e históricas diante dos *conjuntos de problemas*, que todos se propuseram a observar durante as suas pesquisas.

O *Modelo Vernant & Detienne* ocorre no momento em que experimentamos, no dia-a-dia, o impacto da abertura de novos campos do saber, da multiplicação e generalização dos meios e suportes de informação. As inovações e o volume de informações parecem soterrar todo o passado, dando-nos a sensação de vivermos no eterno presente, ficcional ou virtual e, por que não dizer, mítico. Na maioria das vezes, como na expressão de Guy Debord,⁴⁰ transformando o meio em espetáculo e a produção do novo em objetivo em si. O peso do novo tempo e do efêmero acaba por forjar um tempo permanentemente presente, resistente à crítica, resultando numa forma de saber cujo senso comum, o real e o presente são eternos e imutáveis. A sociedade de um “eterno tempo presente” passa a ser vista como resultado único e desejado de todas as sociedades e as demais formas de organização social são consideradas fadadas ao fracasso ou à adaptação face ao que se chama “sistema mundial” ou “globalização” ou ainda “pensamento único”. Assim, uma visão única da sociedade, em especial através de uma abordagem oblíqua que só percebe o outro em função de si mesmo, acaba por impor uma só norma e um único método

⁴⁰ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

capaz de organizar o saber sobre o Homem em Sociedade. Todo esse processo produz uma espécie de incapacidade de ver o diferente, de buscar a originalidade, de procurar o traço que distingue o singular em meio ao que é universal. Face a esses fatos, perguntamo-nos se, onde estiver o Homem, a humanidade, nós não teremos toda uma série de planos sociais, às vezes distintos, às vezes solidários, mas organizados de alguma forma? Ou ainda, se não encontraremos inovações, mudanças, projetos, conflitos, tensões e resistências?

Conclusão

A investigação comparativa é um desafio para o saber histórico e para aqueles que a praticam. As iniciativas não são homogêneas, mas, apesar disso, o que as une é a atitude enfaticamente crítica do comparativismo, que resulta na construção de um espaço amplo e diversificado de produção de conhecimento histórico.

Especificamente, o aporte metodológico comparativo do *Modelo Vernant & Detienne* estimula a criatividade dos pesquisadores envolvidos e o aprofundamento multifocal. Neste, o que se compara não é apenas aquilo que pode ser comparado em sua singularidade fechada, que se fundamenta na possibilidade de comparação por semelhança taxonômica. Deve-se considerar que os fenômenos da comparação, sejam relativos a gênero, grupos sociais, partidos, nações, território, religião e outros, não significam a mesma coisa para todas as sociedades. O processo do método comparativo é justamente o que permite estabelecer o estranhamento, a diversificação, a pluralização e a singularidade daquilo que parecia empiricamente diferente ou semelhante, posto pelo *habitus* e reproduzido pelo senso comum. Os historiadores não criam abstrações tipológicas e conceituais a partir de condições ideais de temperatura e pressão que possam ser demonstradas em qualquer tempo ou espaço, ou seja, a partir de condições fenomenológicas de repetição. O “fazer histórico” corresponde a uma operação concreta de captura e de redefinição do mundo e é historicamente construído. Desta maneira, viabilizar ou não uma abordagem comparada não é uma ação que advenha de valores absolutos do mesmo e do outro. A viabilidade decorre das condições históricas da produção do saber no momento em que os pesquisadores irão construir os *conjuntos de*

problemas a serem observados por todos, criando o encontro, uma espécie de ponte entre os olhares plurais, pois é precisamente a partir disto que se apreendem as variáveis que explicitam as diferenças. Neste sentido, incentiva-se o estabelecimento do diálogo entre os vários saberes, enquanto suportes e práticas de conhecimento capazes de melhor explicar as escolhas e as trajetórias das diversas sociedades.

Este comparativismo centra-se na discussão e seleção de um conjunto de *problemas* que perpassem os diversos objetos de pesquisa da equipe de pesquisadores sem os limites espaço-temporais tradicionalmente determinados,⁴¹ estabelecendo o *campo de exercício de experimentação comparada*, no qual os pesquisadores trocam as informações referentes às diferenças entre as sociedades encontradas durante as suas pesquisas individuais. O fundamental do método comparativo do *Modelo Vernant & Detienne*, e que lhe dá um caráter inovador, é o trabalho coletivo de um grupo de pesquisadores, aberto para livres opções, tanto no que concerne ao recorte do objeto, ao tempo e ao espaço, quanto aos métodos e conceitos. Ora, isso quer dizer que a História Comparada, no nosso entender, subentende mais do que uma justaposição ou uma divisão seja em termos do tipo de História, seja em termos dos períodos históricos. A História Comparada é o método de pesquisa que convida a uma mudança de atitude no modo de fazer História; é uma nova perspectiva dos pesquisadores como sujeitos em relação ao objeto de pesquisa.

⁴¹ Pode-se chegar a uma outra periodização baseada em novos conceitos, com isso não se abole o tempo.